

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1121	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	20 de Fevereiro de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	\$700	\$130		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	\$800	\$140		

As inundações em França



como a alma portugueza não é menos nobre nem menos elevada que a de outros povos onde existem innumerables estabelecimentos de ensino mantidos pelas diversas classes sociais, era de esperar que a idéa se radicasse e se desentranhasse em fructos magnificos, coroando d'um exito desvanecedor os esforços d'aquelles que com tão louvavel desinteresse procuravam concorrer para elevar o nivel mental do nosso povo.

A idéa da fundação da nova collectividade, obedecendo a intuitos immensamente patrioticos, tinha sido lançada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, e desde logo secundada por um grupo dos mais prestimosos socios d'essa agremiação, entre os quaes sobresaiu, pela sua dedicação e amor á formosa cruzada, o saudoso grande entusiasta dr. Trindade Coelho. Resolveu-se então metter mãos á obra por uma serie de conferencias publicas para se exporem as intenções da Liga, e, muito principalmente, para angariar adeptos e proselitos, que seriam outros tantos apostolos da obra gigantesca que ia emprender-se.

Havia então, como continúa a haver,

CHRONICA OCCIDENTAL

Os numeros da ultima estatística official, lançados um d'estes dias á indiferença do publico portuguez, estão longe de acusar uma redução apreciavel nos milhões de analfabetos que constituem a maior parte da nossa infeliz população.

Ha-de haver uns tres ou quatro annos, alguem de bons intentos lembrou-se de fundar uma liga que promovesse, por todos os meios possiveis e imaginaveis, o desenvolvimento da instrução em Portugal, em opposição ao desleixo systematico dos governos, que por tal desenvolvimento nada faziam, nem fazem. E fundou-se a Liga Nacional, congregando quantas iniciativas particulares se manifestassem e quizessem ser orientadas por um criterio seguro, concorrendo para que, num curto espaço de tempo, baixasse a percentagem dos analfabetos, que era e continúa a ser superior a setenta por cento.

A obra de regeneração intellectual que a Liga se propunha efectuar merecia bem o apoio de toda a gente, que no nosso paiz se preocupa com os assumptos respeitantes á instrução; por isso,



O PRESIDENTE MR. FALLIERES E MR. BRIAND PERCORRENDO AS RUAS DE PARIS EM LANCHAS E EM CARRO, A VISITAR OS INUNDADOS

(De fotografia)

duas questões que devéras interessavam a Portugal: o seu renascimento economico e o rejuvenescimento da mentalidade do povo português.

Nós, os latinos, temos a superstição da Divina Providencia. O Estado para nós é tudo. D'elle tudo esperamos. E ficamo-nos de braços cruzados, a olhar para o que elle faz, e se alguma coisa fazemos é pedir-lhe que faça mais ainda. De auxilia-lo com a nossa iniciativa, de completar a sua obra com a nossa boa vontade, poucas vezes, quasi nunca cuidamos. E' esse mau séstro, esse habito arreigado no espirito de todos, que é necessario destruir e abolir, porque nos paizes onde o ensino attinge a maxima perfeição, têm a iniciativa particular contribuido tanto para esse facto como o governo.

Nos ultimos tempos tem-se acentuado por cá um sensível progresso intellectual. Sente-se pulsar no sub-solo da sociedade portugueza alguma coisa nova que nos atrae. A luta das idéas é mais intensa, todos aneiam por mais luz. Ora,—dizia se,—era para nos trazer essa coisa nova, descortinada já ao longe, que se fundava a Liga de Instrução, que devia abranger o paiz inteiro.

São complexos e diversissimos os elementos que contribuem para a felicidade e para o progresso dos povos. Em primeiro logar, está o elemento denominado Estado, e depois o individualismo, que com as suas dedicações e com as suas iniciativas completa a obra dos governos, imprimindo-lhe a necessaria rapidez e muitas vezes com uma perfeição verdadeiramente assombrosa. E quando o Estado, como succede entre nós, descarta um determinado assumpto que lhe compete estudar e zelar, chega ao particularismo a occasião de o substituir. O individualismo é como o Prometheu da fabula: transforma-se constantemente, descobre em cada dia que passa novos horizontes, não se deixando nunca adormecer nem á sombra da sua obra nem sobre os louros que colhe.

O individualismo, na ancia que constantemente o absorve de querer avançar e progredir, não serve apenas para auxiliar o Estado. Guia-o com frequencia e não é raro vê-lo caminhar na sua frente. E isso nota-se sobretudo no que diz respeito á instrucção, porque nos estados melhor organizados vê-se que os governos nunca foram abandonados pelas iniciativas particulares e d'ali resulta o progresso que esses paizes attingiram. Olhe-se para a Suissa, que é paiz modelar. Ali parece que nada falta. O governo a tudo attende. Todavia, o individualismo não pára, nos vastos campos de instrucção. As escolas suizas são numerosissimas e algumas d'ellas monumentos. E' assim que se consegue fazer d'aquelle povo um povo consciente e educado, que sabe bem o que faz, e que sabe quem elege para os altos cargos do seu paiz. No cantão de Zurich, o cantão intellectual da Suissa, ha sociedades de ensino que estão por assim dizer encarregadas de caçar os analfabetos, obrigando-os a frequentar as escolas. E uma vez ali, desde que a creança revele intelligencia, ha de ir até ao fim. E' pobre? Não importa. As sociedades tomam conta d'ella, alimentam-na, dão-lhe pousada e auxiliam-na com recursos de toda a ordem.

Os cidadãos suizos concorrem com legados enormes para a difusão da instrucção. Em Loizan, existia uma universidade que estava longe de ser modesta. Pois á força de subscrições e donativos, conseguiu-se fazer edificar um edificio monumental, onde a universidade actualmente funciona. Em Zurich ha um collegio denominado Concordia, onde se ensinam varias disciplinas, e entre ellas coisas commerciaes. Os proprietarios, para o ensino dos internos ser pratico, têm lá dentro um banco a valer, onde giram dia a dia muitos contos de réis. Nos collegios suizos para senhoras, ensina-se tudo o que a mulher precisa saber: culinaria, costura, medicina domestica, etc. A mulher sae d'ali educada á maravilha e habilitada a educar os filhos, se um dia os tiver.

Na Italia são os municipios que têm a seu cargo os serviços da instrucção. A centralisação é absoluta. Nos ultimos tempos tem-se discutido muito se elles devem ou não passar para o estado; até agora, porém, ainda não se conseguiu coisa alguma nesse sentido, em consequencia das camaras, que tratam com amor de tudo o que se refere ao ensino, temerem vir a ficar prejudicadas com a centralisação que se projecta. Alguem, então, se lembrou já d'um meio termo, de molde a contentar a todos: deixar aos municipios que curam com amor da instrucção, a faculdade de administrar, e tirar essa faculdade aos que mostram menos zelo por ella. Mas esta medida encontrou tambem fortes resistencias, e ainda não foi posta em pratica.

Em Portugal nunca se discutiu uma reforma

de instrucção. A ultima, como quasi todas as outras, foi promulgada dictatorialmente. E porque succede isto? Porque o povo não sabe ser liberal, não se interessa pelas questões que mais directamente o interessam. Não é liberal quem quer: é o quem o póde ser e quem está educado para o ser.

Sabe-se quanto a obra que Jean Masset iniciou em 1876, juntamente com Gambeta, tem contribuido para a educação civica da França. Foram elles que fundaram a Liga de Instrução, cujos membros mais illustres iam por todo o paiz fazer conferencias de propaganda. E n'uma d'ellas, em plena provincia, Masset dizia:

— «Não julguem que eu venho aqui para fazer eleições, venho fazer eleitores. E' preciso que o povo pense, que não se deixe levar por aquillo que pensam os outros...»

Foi uma liga semelhante á que existe em França que em Portugal se fundou. E o apêlo por ella dirigido ao paiz convidava todos os cidadãos portuguezes, qualquer que fosse o ponto do globo onde se encontrassem, a adherir ao seu fim patriótico, que era a renovação da patria pela instrucção e educação de seus filhos!

Convencida de que só um grande arranco de solidariedade coletiva podia realizar obra tão grandiosa, a Liga Nacional não só apelava para todos os individuos e colectividades portuguezas, mas esperava dos sentimentos patrióticos dos concidadãos a pronta e solida organização de nucleos locais, tendentes a agremiarem o maior numero possivel de associados, e a cooperar com o nucleo central, que ficava sendo em Lisboa.

A Liga pretendia fazer o cadastro do analfabetismo por localidades, concelhos e districtos, tratando de determinar os pontos onde seria necessario crear novas escolas, e qual o espirito que devia predominar em cada uma—agricola, industrial, profissionnal, commercial, maritima, colonial, etc.

Promoveria a Liga, segundo as necessidades locais, subsidios de roupa e alimento ás creanças pobres para que podessem frequentar a escola com proveito; procuraria um professorado primario, com conhecimentos de utilidade pratica e de trabalhos manuaes, em uso hoje nas escolas primarias de todas as nações adeantadas, e que são o meio seguro de educar um povo trabalhador, economico, consciente e livre. A Liga estabeleceria collegios modelos, para pensionistas, segundo o sistema suizo e d'outras nações cultas e educadoras, onde, a par de diversos conhecimentos litterarios, scientificos e artisticos, se ensinasse trabalhos domesticos, noções commerciaes, elementos de higiene e medicina caseira; crearia estabelecimentos de artes e officios, de ensino gratuito, para a mocidade pobre, masculina e feminina; auxiliaria o desenvolvimento das chamadas Universidades Populares; iniciaria o estabelecimento de bibliothecas do povo, em que abundassem livros de utilidade de todos os generos, procurando mesmo, para esse efeito, a composição ou tradução de livros adaptados a esse intuito; criaria laboratorios de demonstrações scientificas, de gabinetes de fisica para estudo das varias escolas, de mostruários e museus industriaes, agricolas e coloniaes para utilidade das classes trabalhadoras e commerciaes—etc., etc.

Era uma coisa excellente, pois não era?

Pois já lá vão quatro, cinco annos talvez, se a memoria nos não trae, e a respeito de menos analfabetos—é o que os senhores estão vendo nos mapas da estatistica: setenta por cento!

JOÃO PRUDENCIO.



As inundações em França

Depois da carta de Paris publicada no numero antecedente, sobre a grande calamidade que a França sofreu com as inundações, seria prolixo insistir no assunto que aliaz tem sido descrito por toda a imprensa diaria.

Limitamo-nos, por isso, á reprodução neste numero, de algumas fotografias que nos fôram enviadas de Paris, representando varios aspéctos da inundaçào, dos trabalhos executados pela tropa para sustar a invasão das aguas, e do Presidente Fallières percorrendo as ruas em carro e em lancha a visitar as casas inundadas.

As gravuras, portanto, que publicamos, mostram bem o estado em que se encontrou a grande capital do mundo durante mais de duas semanas, e quanto tempo e dinheiro serão precisos para restaurar tão grande damno.

E' certo que a politica geral atravessa uma crise aguda de instabilidade, que agitando toda a Europa se reflete na America e até na propria Asia, que entra numa fase de transformismo dos seus primitivos processos politicos, reclamando todos os povos governos de justiça e de moralidade, desde a boa applicação dos rendimentos do estado até ao respeito pelas garantias do cidadão num justo e equitativo cumprimento das leis.

Se este é o sentimento geral que domina em todos os povos civilizados á medida que avançam na civilisação, que admira que em nosso paiz se sintam mais e mais essa geral agitação, quando as mesmas causas geraes dominam, agravadas pelas especiaes que occorrem na politica interna e que são conhecidas de todos.

Poderia talvez Portugal encontrar-se ao abrigo dessas lutas politicas em que lá fóra outras nações andam empenhadas, se este bom povo tivesse a educação e instrucção suficientes para avaliar e compreender os seus deveres civicos, como acontece a outros povos que desfrutam aquelles beneficios e sabem conter-se na modestia de suas nacionalidades, que nem por isso deixam de ser florescentes e respeitadas, podendo citar-se, por exemplo, a Belgica, a Hollanda, a Suecia, a Noruega, etc.

A politica dessas nações é a boa administração, o respeito á lei, o engrandecimento da comunidade, de que resulta o bem estar de todos e de cada qual, na posição que occupa nessa comunidade ou sociedade.

Portugal poderia entrar no numero destas nações, poderia até engrandecer-se mais do que ellas para o que lhe sobram elementos, que ellas não tem, mas falta-lhe a base educativa e instrutiva, e assim não sae do circulo vicioso, em que inutilmente se debate, estenuando vida e forças bem dignas de melhor emprego.

O mais triste de tudo isto é não haver para onde apelar.

Os seus homens de mais valor, muitos, por ventura, cheios de boas intenções para dirigir a causa publica, são esmagados a breve trecho sob as pressões partidarias dos que só tem partido para desfrutar e arranjar a sua vida por todo o preço. E' pouco o tempo que os ministros teem só para atender os milhares de pretensões que de todos os lados os assaltam, para se defenderem das intrigas politicas que os envolvem; e por fim, a grandecausa a publica, que é a de todos, não póde ser atendida, é eternamente adiada, vae-se complicando cada vez mais, até não ter solução, porque ninguem lh'a dá!

A este estado chegou a politica entre nós, revolvendo-se num mar de ambições, onde não ha elevação possivel, carecendo de sinceridade, de verdade, sem plano, sem principios e sem um fim, a não ser a desordem em que tudo isto vae.

Este mal não é de hoje nem de hontem, vem elle infelizmente de ha muito tempo; nestes dois ultimos annos, porém, agravou-se, quando podia parecer que se remediaria, depois dos tragicos acontecimentos que puzeram no trono um joven rei, que se entregava nas mãos dos seus conselheiros, confessando a sua inexperiencia, para que o guiassem.

Fazemos apenas historia muito por alto, são leves traços de esboço do meio politico em que o paiz se encontra, assistindo em cada dia, á successão de ministerios em que os seus homens publicos se vão gastando sem chegarem a resolver as questões que mais interessam á causa publica, envolvidos numa politica dissolvente que lhes enfraquece as forças, a energia necessaria para governar.

Assim, em dois annos, tem-se succedido no poder quatro ministerios, gastando as forças nas discussões parlamentares e nas acalmações, sem nada resolver nem acalmar.

Esses ministerios teem deposto as suas pastas sem uma reconhecida causa constitucional que o determinasse, e por isso com bastante dificuldade teem sido organizados os ministerios successivos, no desejo de conciliar todas as divergencias politicas, que, diga-se de passagem, não se sabe bem a que aspiram.

O ultimo ministerio Wenceslau de Lima demitiu-se nos fins de dezembro ao cabo de pouco mais de seis mezes de governo, e demitiu-se com o parlamento fechado, sem que uma causa constitucional o indicasse.

Não era facil, nestas circunstancias, ao Chefe do Estado escolher presidente para um novo ministerio, o quinto do seu reinado, mas acatando a lei constitucional, chamou os presidentes das

duas casas do parlamento, para saber qual era a maioria parlamentar, e devidamente informado, a ella foi buscar o presidente para formar o novo governo. Essa maioria era progressista e não podendo o chefe desse partido, sr. Luciano de Castro, por impossibilidade fisica assumir a presidencia do novo governo, foi esse encargo cometido ao sr. Beirão, que conseguiu organizar ministério assim composto:

Presidencia sem pasta, conselheiro sr. Francisco Antonio da Veiga Beirão; reino, conselheiro sr. Francisco Felisberto Dias Costa; justiça, conselheiro sr. dr. Arthur Pinto de Miranda Montenegro; fazenda, conselheiro sr. João Soares Branco; guerra, conselheiro sr. José Mathias Nunes; marinha, conselheiro sr. João de Azevedo Coutinho Barahona Fragoso; estrangeiros, conselheiro sr. Antonio Eduardo Villaça; obras publicas, conselheiro sr. Manuel Antonio Moreira Junior.

O sr. conselheiro Veiga Beirão organizou o novo governo dentro do seu partido, composto de ministros já experimentados, incluindo os titulares das pastas da fazenda e da marinha, que, apesar de serem os mais novos, são pela segunda vez chamados aos conselhos da corôa.

As biografias dos novos ministros são em geral conhecidas, e no OCCIDENTE se encontram notas a seu respeito publicadas por ocasião em que teem formado parte de outros ministerios.

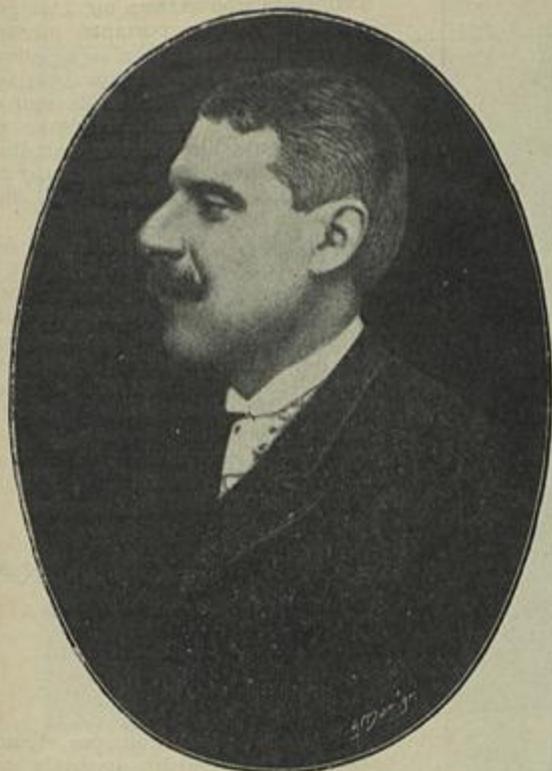
O presidente do conselho sr. Veiga Beirão, é uma figura distinta do partido progressista, de ha muito indicado para a presi-

dencia do governo, e

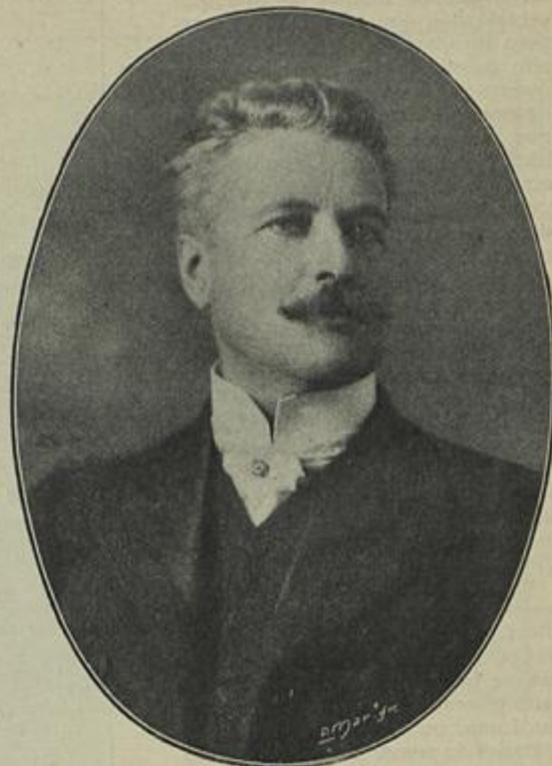
por mais de uma vez, nos ultimos tempos, foi convidado por El-Rei para organizar ministério com elementos dos diversos partidos, no sentido de conciliação politica, o que não conseguiu.

Agora, tratando-se de uma situação definida, foi lhe o encargo mais facil, o que não quer dizer que o governo seja mais viavel que seus antecessores, em presença da excitação politica longe de se acalmar.

A pasta do reino, confiada ao conselheiro sr. Dias Costa, é a de maiores responsabilidades em todo o tempo, mas no presente muito mais, para que se restabeleça a confiança e tranquillidade publicas tão fortemente abaladas, o que está entravando o trabalho nacional e desenvolvimento da riqueza publica. O novo ministro do reino, precisa nestas circumstancias reunir tanta energia como prudencia, qualidades que a voz publica reconhece no sr. Dias Costa.



CONSELHEIRO VEIGA BEIRÃO
Presidente do Conselho



CONSELHEIRO EDUARDO VILLAÇA
Ministro dos Estrangeiros



CONSELHEIRO AZEVEDO COUTINHO
Ministro da Marinha e Ultramar



CONSELHEIRO MATHIAS NUNES
Ministro da Guerra

A pasta da fazenda continua a ser a questão magna do equilibrio orçamental, que tem feito o desespero de quantos ministros por ella tem passado. Não é facil calcular quanto esforço de aturado estudo e de energia exigirá a um ministro que pretenda corrigir esse desequilibrio, sem que por outro lado se atrofie o desenvolvimento da riqueza publica, para a qual pede ao Estado todos os melhoramentos de que carece.

O titular da pasta da fazenda sr. Soares Branco, capitão de engenharia, apresenta-se com os melhores intuitos de realizar quanto possível o equilibrio orçamental, e para isso não lhe falta talento e energia de character a par de espirito de justiça e de equidade, o que é muito preciso para rever todas a desigualdades na applicação das leis tributarias e injustificaveis proteccionismos que agravam as circumstancias do tesouro.

O sr. conselheiro Eduardo Villaça no ministerio dos estrangeiros, não lhe falta em que applique as facultades da sua reconhecida inteligencia, se proseguir no trabalho encetado pelo sr. conselheiro Wenceslau de Lima, no empenho de realizar tratados de commercio com as nações que mais nos possam favorecer na troca reciproca de interesses, que venham animar a produção e economia nacionaes, o que importa para a restauração das finanças do país.

O sr. conselheiro Arthur Montenegro tem sido ministro da pasta da justiça em outras situações progressistas, afirmando sempre suas qualidades de distinto jurisconsulto e legista, na sua passagem por aquelle ministerio. Foi agora, nos pou-



CONSELHEIRO DIAS COSTA
Ministro do Reino

ultimos tempos, importancia, que antigamente os governos lhe não ligavam.

Era um grave erro que por fim se reconheceu. Hoje, a marinha, deve merecer todos os cuidados ligada como está ás colonias, que são o que nos dá importancia no convívio das nações como potencia colonial. O ministro escolhido, sr. conselheiro Azevedo Coutinho, é um africanista que

nas colonias tem desempenhado comissões importantes até á de governador, e que portanto oferece garantias de conhecer os negocios da pasta da marinha que pela segunda vez rege. Fala-se de muitas propostas que vae apresentar ao parlamento e em que tem trabalhado com afinco. Se a politica der licença, é de esperar que alguma cousa de bom se faça.

A pasta das obras publicas coube ao sr. conselheiro Moreira Junior, e dizemos coube porque o seu talento e atividade, sobejamente conhecidos, o habilitam para qualquer outra pasta que lhe poderia ser distribuida, não obstante a das obras publicas ser das mais complexas.

CAETANO ALBERTO.



PELO MUNDO FÓRA

(Notas d'um curioso)

II

Os gregos, que viram por algum tempo a sua bandeira arvorada em Creta, soffreram a cruel decepção de a verem cair em pedaços, sob o tiroteio dos canhões d'uma esquadra, que falava assim em nome das potencias protectoras: — França, Russia, Italia e Inglaterra. O exercito hellenico, humilhado e irritado, entregou-se a manifestações de grande embaraço para o governo, especialmente a insurreição do tenente Typaldos, rapidamente suffocada pelos dirigentes da Liga Naval, em cujo programma se incluiu

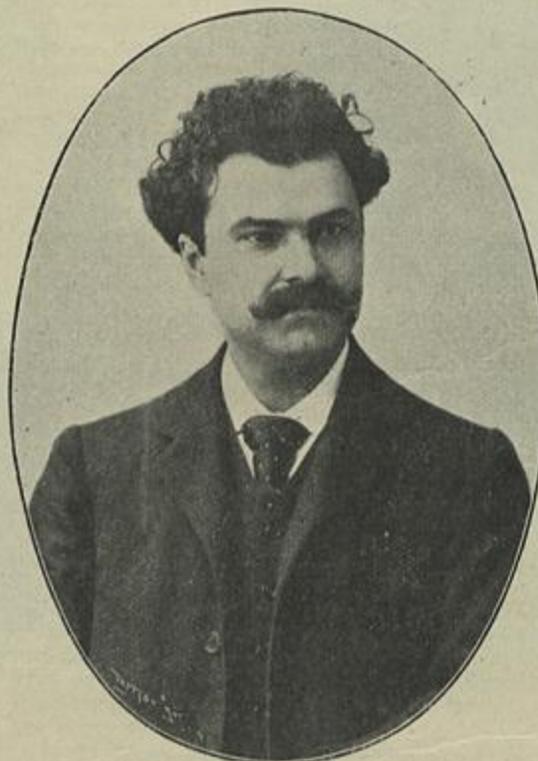


CONSELHEIRO SOARES BRANCO
Ministro da Fazenda

cos dias de gerencia da sua pasta que sahio a portaria sobre essa irritante questão do Bispo de Beja, questão que não pouco abalou o ministerio transacto e determinou a sahida do sr. conselheiro Medeiros da pasta da justiça.

Na pasta da guerra, o sr. conselheiro Mathias Nunes é um ministro experimentado, conhecedor do estado em que se encontra o exercito, em que aliaz muito ha que fazer, para que possa corresponder ao valor do soldado português, nunca desmentido, e antes sempre provado, como ainda nas ultimas campanhas de Africa.

O ministerio da marinha, tem assumido nos



CONSELHEIRO MOREIRA JUNIOR
Ministro das Obras Publicas



CONSELHEIRO ARTHUR MONTENEGRO
Ministro da Justiça

uma disposição que exclúe os principes gregos dos quadros do exercito e da armada.

A Turquia reclamava uma indemnisação da Bulgaria em compensação da antiga suzerania de que Fernando I se havia libertado. Os bulgaros é que não estavam dispostos a esse sacrificio e não occultaram mesmo o intento de marchar sobre Constantinopla; mas a Russia, mais prudente e atilada, interpoz-se-lhe, pagando essa indemnisação, não em libras turcas, mas n'um simples encontro de contas, que consistiu em reduzir em egual somma o credito que ella tinha sobre a Turquia a partir da guerra de 1877.

As inundações em França



SOLDADOS LEVANTANDO BARREIRAS COM SACAS DE CIMENTO PARA CONTER AS AGUAS DE INVADIREM A PRAÇA DA CONCORDIA — O PALACIO BOURBON INUNDADO
— OS CAMPOS ELYSIOS DEBAIXO DA AGUA — COMO SE CONDUZIAM E SE SALVAVAM PESSOAS NAS RUAS DE PARIS
(De fotografias)

O sultão Abdul-Hamid, orgulhoso pelo bom exito d'estas aventuras, sentiu-se com animo para derrubar o regimen que os *Jovens Turcos* lhe haviam imposto por uma revolução essencialmente liberal. O parlamento foi dissolvido por um *firman* imperial. Em signal de regozijo massacraram-se cerca de 30.000 christãos em todo o imperio. A breve trecho, porém, um numeroso exercito joven turco apossa-se da capital, destituindo Abdul-Hamid, que é substituído por seu irmão Mohamed V. Ficou assim inaugurado no imperio turco o regimen constitucional.

O grande assassino foi desterrado para a Salonica e muitos dos seus auxiliares foram enforcados; mas os mussulmanos, auctores das chacinas dos christãos, ficaram impunes, graças á indifferença da civilização occidental, que não ouviu os ecos d'essa monstruosidade praticada na aurora do seculo xx.

Quasi ao mesmo tempo o Shah da Persia Mohamed Ali, que, por seu turno, quizera abolir o Joven Parlamento e que lhe destruiu os alicerces a tiros de peça, foi forçado a abdicar em seu filho.

Assim, pois, em Teheran, como em Constantinopla, as duas metropoles do Islam, os partidos avançados apossam-se á mão armada da capital e do poder, fazendo triumphar as idéas modernas e derrubando os baluartes da tyrannia e da oppressão.

A questão marroquina continuou a interessar a Europa, constituindo objecto d'um accordo entre a França e a Allemanha, que d'este modo abafaram antigos e nunca esquecidos resentimentos...

A Hespanha é que se viu obrigada a emprender uma campanha decisiva contra os subditos rebeldes de Mulei-Hafid, para vingar o massacre d'alguns trabalhadores das minas concedidas a uma sociedade franceza no Riff, arredores de Melilla.

Os riffenhos oppuzeram encarniçada resistencia ás tropas hespanholas commandadas pelo general Marina, ocasionando-lhes enormes perdas, que fizeram lembrar o grande desastre dos italianos em Adua.

Esta campanha, que mobilizou cerca de 70.000 homens e cujos resultados não estão ainda bem definidos, foi originada, ao que parece, por especulações financeiras, que a tornaram impopular, provocando acalorados protestos do povo que ostensivelmente se oppunha á partida das tropas e chamamento dos reservistas. Em varios pontos do reino, e sobretudo na Catalunha, as hostilidades atingiram excepcional importancia, originando-se graves motins. Em Barcelona, a capital da Catalunha, e centro de poderosos elementos revolucionarios, houve verdadeira revolução, caracterizada pelo saque de conventos, incendio de igrejas e destruição de vias ferreas, correndo sangue a jorros durante uma semana inteira, que ficará assignalada na historia pelo nome sangrento de *semana tragica*.

A repressão que se seguiu foi terrivel: — prisões, condemnações, expulsões em massa. Uma das condemnações causou enorme emoção em toda a Europa e até na America, produzindo grande agitação e acalorados protestos de indignação por parte dos elementos intellectuaes d'esses paizes, para os quaes o nome de Francisco Ferrer, anticlerical execrado pela Hespanha reaccionaria como fundador e vulgarizador das escolas laicas, constituia um verdadeiro symbolo de tolerancia e liberdade, violenta e arbitrariamente esmagada. No processo, mais que sumario, instaurado contra Ferrer, não se provou a sua participação directa nos tumultos; mas era indispensavel, para tranquillidade da Hespanha, que o corpo de Ferrer baqueasse nos fossos do tenebroso castello de Montjuich, no cumprimento d'uma sentença que elle acolhera com este grito retumbante: — *Viva la escuela moderna!*

O ministerio conservador de Maura, que já ficára muito abalado da discussão em que se haviam posto em fóco certas prevaricações nas construcções navaes, não resistiu a estes embates, capitulando perante a opposição liberal representada por Moret, que lhe succedeu, e perante o mundo inteiro que não occultára o seu protesto contra semelhante estado de coisas. D'onde se conclue que a fraternisação dos povos não é já hoje uma utopia: acima das nações ha um principio de solidariedade universal, que se manifesta mais ou menos claramente logo que os respectivos governos, impellidos por idéas egoistas, se lançam cegamente no caminho das violencias, esmagando os direitos naturaes dos que se oppunham aos seus excessos.

Com a morte do pretendente D. Carlos, que contava ainda muitos partidarios, desapareceu o ultimo vestigio da monarchia absoluta e do direito divino na Europa occidental.

Entre a Allemanha e a Inglaterra continúa a rivalidade economica e maritima, de efeito sensível em toda a politica internacional, apesar das declarações pacificadoras e sensatas dos diplomatas e dos ministros d'estas grandes nações, que, para manterem a paz se vão armando para a guerra, confirmando assim o velho e muito conhecido proverbio latino: *si vis pacem, para bellum*.

O contribuinte é que não vê com bons olhos este aparato, que lhe custa o seu suor, protestando contra o augmento paralelo das despezas militares e dos impostos, em que terá de intervir se os governos não se detiverem na carreira desordenada que vão seguindo.

Foi por uma questão d'impostos que o principe de Bülow teve que abandonar o posto de chanceler do imperio; pelo mesmo motivo a Inglaterra atravessa uma das crises politicas mais graves da sua historia, só comparavel com a luta parlamentar do tempo de Carlos I, crise provocada pela apresentação do orçamento liberal e a consequente luta por parte da camara dos lords, que não prescinde do direito de veto, cuja abolição é ardentemente reclamada pelos liberaes.

Não podemos terminar estas notas sem alludir, embora resumidamente, á queda do ministro Clemenceau, em França, e advento de Briand, genuinamente socialista; greve dos correios em França, causando graves perturbações nas relações da capital franceza com a provincia e estrangeiro; julgamento do processo Steinheil, que terminou pela absolvição da *viuva tragica*; na Italia a entrevista de Racconigi e a queda do ministerio Giolitti; na Suécia, a grêve formidavel que determinou pela primeira vez a paralysação geral do trabalho e, portanto, a vida nacional, facto unico na historia das grêves; na Russia, a derrota diplomatica de Isvolski; no Japão, o assassinato do principe Ito, em serviço na Coréa e cuja acção na evolução nipponica constitue um facto de extraordinario relevo; nos Estados Unidos a substituição de Roosevelt por Taft na presidencia da Republica; no Brazil, a morte de Affonso Pena, substituído pelo dr. Nilo Peçanha; na Belgica, a morte do rei Leopoldo, cujo throno foi occupado por seu sobrinho Alberto I. Devem registrar-se ainda: o nascimento d'uma herdeira da rainha da Hollanda, o ministerio democratico da Dinamarca, as reformas da China, a viagem do tenente Shackleton da marinha ingleza, que attingiu quasi o polo sul, fornecendo dados muito interessantes para a sciencia e, finalmente, a conquista do polo norte, disputada por dois norte-americanos — Cook e Peary — que provocaram acaloradas discussões em todo o mundo, sobretudo nas academias scientificas e sociedades de geographia, que se apressaram em acclamal-os seus membros honorarios, mas que pouco depois reconheceram o embuste de que foram victimas, se, como recentemente correu, ácerca de Cook, pelo menos, é facto que este encommendára documentos previamente forjados para fundamentar as suas extraordinarias phantasias, mas que não se apressou a pagar em boas libras esterlinas, como havia ajustado.

Sempre o maldito dinheiro a ser o pomo da discordial!

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O Marechal Massena

(Continuado do n.º 1119)

Sim, Vice-Rei, digo vos á face da Europa *embasbacada*, que a Hespanha é *inconquistavel*; poderão, não o duvido, sustentar se n'ella mais trez ou quatro annos as tropas francezas; mas passada esta época, soffram ou não derrotas, necessariamente hão-de evacual-a aquellas que não tiverem antes desertado. Reparae bem nos fundamentos d'esta minha nova doutrina, reflecti bem primeiro, e depois soltai, se quizerdes, o riso ou compaixão.

Lancemos inteiramente de lado toda a analogia de exemplos tirados da historia; porque, ainda que elles provem que nem os romanos puderam na Peninsula conservar suas conquistas nem os mouros dominal-a inteiramente, até que foram de todo expulsos, o actual estado de cousas é inteiramente differente do d'aquelles tempos: então a Peninsula formava pequenos Estados independentes uns dos outros, e que não entretinham entre si relações de qualidade alguma, e habitando o mesmo solo e debaixo do mesmo clima, eram tão

estrangeiros uns aos outros como o é o suizo do china, o laponio do peruviano; não se conhecia então o que nós chamamos *causa commum, unidade de poder, conformidade de planos; n'uma palavra*, não formava n'esses tempos a Peninsula uma unica grande familia, ligada por interesses reciprocos. Não é esta a unica disparidade, os conquistadores de então eram moderados, os romanos *edificavam*, edificavam em lugar de *destruir*, os vandalas ou godos, ainda que barbaros, eram uns cordeirinhos em comparação da *ferocidade franceza* e os arabes em lugar de trazerem cadéas á Peninsula, derramavam sobre ella os beneficios das artes bemeifeitoras. O odio dos peninsulares para com os conquistadores d'então era igual ao tratamento que estes lhe faziam, o odio que nós hoje temos aos francezes, excede tudo quanto se possa dizer, é actualmente essencial á existencia de cada individuo, passará de paes a filhos como passa entre o cão o odio ao gato. E' pois, meu Vice-Rei, sobre este principio confirmado já pela experiencia, confessado por grande parte dos mesmos francezes, e que vós mesmo a esta hora tereis observado, que eu deduzo a *inconquistabilidade* da Hespanha. *Paciencia e mais paciencia*, hespanhoes, e ganhareis indubitavelmente a vossa causa, que a terdes o tem provado dois annos de soffrimentos sem beijar a mão de vossos assassinos, que continuareis a tê-la no-la afiança a que tendes tido. Se pois, Vice-Rei Massena, os hespanhoes não desanimam, antes pelo contrario quantas mais desgraças soffrem, mais se habituam aos terribes males da guerra, semelhantes n'isto áquelle celebre preso, que habituando-se á morada das masmorras, pediu por grande graça que o conservassem n'ella, quando lhe intimaram a soltura: pergunto como hão-de existir as tropas francezas, quando acabarem de roubar a Hespanha? Não estamos mui longe d'este termo; já ellas não são pagas, nem fardadas por falta de dinheiro, porque sendo a primeira cousa, porque principiaria a roubar, e a primeira que se lhe devia acabar; resta-lhes ainda algum comer, que assim mesmo para o haverem, fazem expedições, como se combatessem exercitos. Por outra parte, os hespanhoes sobrios por natureza, e agora por necessidade, apenas cultivarão para si, acabar-se ha a agricultura, não só por falta de braços, porque a juventude abandona os campos, mas por não haverem nem bestas, nem bois, que peguem na charrua; e chegará um tempo finalmente, em que as tropas francezas se quizerem comer, será necessario cultivarem os campos; e então Massena, que nome dareis vós a estas *tropas agricultoras*?

Mas as tropas, principalmente as francezas, costumadas a viver do suor alheio, aos roubos e saques, não tendo esta perspectiva, não sendo pagas nem vestidas, desertarão por cardumes: Bonaparte para evitar tamanho mal, as chamará para o interior da França. Contra isto podereis vós oppôr-me, que em não tendo a Hespanha com que pagar ás tropas francezas, o vosso Imperador as fará pagar pelo Erario francez; dizei isso a D. João da Falperra, que sem duvida hade acreditar-vos; porém nós outros que temos o juizo em seu lugar, sabemos que o tal Erario está *pedindo chuva*; acabara-se-lhe de todo os mananciaes; acha-se a França reduzida á *primitiva*, apenas troca, não sabe o que ha de comprar e vender; o agricultor perece por falta de consumidores do seu producto; as contribuições de guerra impostas por Bonaparte nos paizes, onde as teem levado, já estão comidas; as pratas das egrejas hespanholas e portuguezas apenas derretidas, logo se consumirão; restar-lhes hia, é verdade, o recurso da ultima contribuição, que lançou sobre os estados de Francisco II Imperador d'Austria; mas hal meu Massena, onde irá elle a estas horas?

Este imperador não só teve a honra de dar a Bonaparte a mulher, mas o que é mais, dinheiro para as *bodas*, e os milhões que Bonaparte tem dispendido n'esta ultima farça napoleonica, d'essa contribuição é que virão, sabe Deus se assim mesmo chegarão.

Fica pois demonstrado, se bem me parece, que tendo os hespanhoes paciencia, e comportando-se como até aqui, isto é, não reconhecendo o poder dos *Pepes e Napoleões* senão quando as baionetas e canhões tem sobre elles *indefesos* a pontaria; que afinal esse bando de salteadores abandonarão a Hespanha, como abandona o esqueleto a ave carniceira, depois de lhe ter devorado a carne.

Ainda aqui não ficam as provas, Vice-Rei de um reino que vós lá sabeis. A politica de Bonaparte é filha das suas armas; quando sae bem de uma guerra, o rasgo de politica que se segue é grande; por exemplo, sem irmos mais longe, de-

pois de vencer o Imperador Francisco II, casalle com a filha: *forte politica!* gritam os senadores, exclama França, e repetem com entusiasmo todos os sectarios de Bonaparte: Toleirões por inteiro, vocês não vêem que se Bonaparte ficasse vencido, Francisco II lhe recusaria dar não digo a filha, mas a ultima filha dos seus vassallos.

(Continúa.)

A casa submarina

por
Max Pemberton

(Continuado do n.º 1120)

Este sitio causava pavor; tanto á direita como á esquerda e tão perto que quasi se tocavam, levantavam-se os altos penedos da rocha até confundir-se com o céu. A nossos pés, o poço. O nevoeiro e o ar abrazador que antes nos atormentava, ficára para traz. O silencio da noite parecia o silencio da morte. Não se podia vêr a profundidade do poço nem a altura certa das rochas. O que havia por detraz d'isto tudo, tambem se não podia adivinhar.

— Vejam — disse o doutor limpando o suor e arregaçando as mangas da camisa como homem disposto a trabalhar, — o caminho é este e precisamos de luz para o vêr. Um que me dê a mão emquanto procuro a lanterna. Para alguma coisa serviu um hollandez escrever as suas aventuras na ilha de Ken. Já adivinhava que precisavamos vir aqui.

Estendeu-me uma das mãos que eu agarrei com força, emquanto com a outra procurava a lanterna.

— Ha três dias, fiz uma exploração para este lado da ilha. E' prudente arranjar novo alojamento quando o antigo não convem. Deixei a lanterna aqui escondida... ah!... cá está.

Tirou d'um buraco uma lanterna como as que usam os mineiros e, accendendo-a, mostrou-nos o interior do pôço.

Formava este uma especie de agulheiro, de nove metros de profundidade, no fundo do qual se viam fragmentos de rocha.

Mas o que mais apreciámos então, foi a corrente de ar fresco saído do interior e que parecia vir do mar.

Com delicia o recebemos e expuzemos o corpo para melhor nos refrescar, e bem depressa, graças á sua fresquidão, nos refizemos por completo e começámos a soltar gritos de alegria, como presos quando lhes abrem a porta do carcere.

— E' o mar!... E' o mar!... — exclamou Peter Bligh — Oh!... doutor, respiro, respiro, volto a ser homem!...

Atirámo-nos quasi de cabeça para baixo, ao fundo do poço, e ali estivemos alguns minutos a pensar se já teria passado para nós o perigo de morte, ou se ainda teriamos que o affrontar de novo.

Do poço partia uma galeria ao fim da qual se encontrava uma grande abobada, que podia muito bem ter sido feita pelos homens e não pela natureza.

Tinha umas aberturas para o exterior cuja parte mais alta dava pelos cachopos e era por aquellas aberturas que a luz entrava na caverna, como a luz esbatida que entra pelas frestas das igrejas.

O mesmo succedeu em outras partes que visitámos, e á luz indicisa das frestas, pudemos contemplar então bastantes maravilhas.

Vimos galerias e mais galerias, cavernas e mais cavernas, algumas redondas como mes-

quitas turcas; outras altissimas como cathedraes. Umas tão lindas como um gabinete de mulher elegante, e os jaspes que formavam as paredes e tectos, constituíam uma decoração pouco facil de descrever; outras tinham os muros tão negros que pareciam servir de depositos de carvão.

Tudo aquillo parecia ser feito pelo capricho de um magico e da sua varinha maravilhosa.

— Doutor — disse eu — esta casa é verdadeiramente assombrosa! Mas... onde vamos agora?

O doutor sentára-se n'uma pedra e nós rodeamo-lo.

Peter tirou do bolso o seu cachimbo e começou a encher o forninho. Sentia-se um pequeno ruido como o da agua, precipitando-se sobre as rochas misturado com outra coisa qualquer a que não prestei attenção a principio.

Duncan ficára pensativo, abismado nas suas reflexões, como querendo adivinhar o que deveriamos fazer.

— Amigos — disse elle passado tempos — vou-lhes contar a historia d'este retiro. Este sitio foi descoberto pelo hollandez Hoyt. Se Czerny tivesse lido o seu livro, conheceria estes logares; mas não o leu, e eu quiz vir aqui vel-os, como vim ha dias, por que me podiam ser precisos quando Czerny se zangasse commigo ou me abandonasse. Effectivamente assim succedeu. Sigámos até ao fim e estaremos em sua casa, a não ser que queiram voltar para traz. Decidam, porque os senhores é que mandam.

Enchi o meu cachimbo como tinha feito Peter, e respirando livremente pela primeira vez, depois de tanto tempo irrespiravel, falei então por todos:

— O meu instincto de marinheiro, diz-me que ha aqui um caminho que conduz ao Recife. E' verdade, doutor?

Duncan poz os olhos e olhando-me com aquella sua maneira tão viva que tinha, respondeu:

— O seu instincto de marinheiro não o enganou. Ha realmente um caminho por baixo do mar que conduz exactamente á casa de Czerny. Estou esperando que me digam se voltamos para traz ou se continuamos avançando. Já sabem os perigos que existem e não os tenho na conta de creanças. Se decidem retroceder, retrocederemos todos ou ficaremos aqui segundo aconselhe a prudencia. Mas olhem que os senhores é que tem de resolver.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

OS INDIOS NO BRAZIL

A respeito da cathechese e da civilização dos indios no Brazil, veio no n.º 1114 d'esta revista, um artigo que nos despertou a ideia de dizermos alguma coisa n'esse sentido.

O livro que foi offerecido á redacção pelo sr. comendador Norberto Jorge, accusa a respeitavel somma de 450 tribus selvícolas, o que não contestamos, nem achamos exagerado, porque sem duvida, a affirmativa baseia-se em dados officiaes. O que diremos, todavia, é que se algumas tribus selvagens se mostram de boa indole, ha muitas que pelo contrario, além de muito ferózes, são até antropophagas! D'este numero especialisaremos as do Paraná, nas circunvizinhanças do *Assungui*, ex-colonia do Estado, perto de Itajahy. Contava-nos o ex-director dr. Guilherme A. Schmidt, que veio após a sua exoneração commerciar na praça de Santos, Estado de S. Paulo, quando era director da referida colonia, não era pequeno o susto e o panico que se espalhava em todos os moradores, ás approximações que os

selvícolas costumavam fazer afim de saquear e depredar os colonos. Fechavam-se estes em suas habitações, e intrincheiravam-se de fórma a defenderem-se a ferro e a fogo de tão importunos e perigosos vizitantes. Foi este um dos motivos que o obrigou, e á sua familia, a abandonarem o respectivo emprego e feitorias industriaes.

E' certo que no tempo do Marquez de Pombal, proseguia-se na cathechese em boa hora iniciada pelos afamados missionarios, que eram padres da Companhia de Jesus. Distinguiram-se entre elles, Manoel da Nobrega, sacerdote portuguez, e José de Anchieta, hespanhol, natural da cidade de Palmas na ilha de Teneriffe.

Em fins do século passado, celebrou-se em S. Paulo, o centenario de Anchieta e foi encarregado o dr. João Pereira Monteiro, que era na occasião o director da Faculdade de Direito, de fazer o elogio do immortal civilizador da patria brasileira.

Quanto a indios mansos, destacam-se em Matto Grosso, os barurús, que além de pacificos são propensos ao arroteamento de terras, e pedem com insistencia, aos poderes publicos, para lhes fornecerem enchadas e demais utensilios de lavoura.

Em 1886, foi, pelo Governo Imperial, nomeado presidente da Provincia o dr. Joaquim Gualdino Pimentel, que muito se esforçou pela cathechese desta tribu. Foi nomeada uma commissão para tal fim, e imprimiu-se em Cuyabá, capital da provincia, um opusculo relatando quaes os trabalhos e os resultados obtidos. Foi esta monographia transcripta no jornal catholico *O Apostolo*, que ha annos deixou de se publicar no Rio de Janeiro, por terem fallecido os seus directores: José Alves Martins do Loreto e João Scaligaro Augusto Maravalho, o primeiro natural da villa da Feira de Sant'Anna, no estado da Bahia, e o segundo natural da cidade de Souza, no Ceará. Foi por minha intervenção que foi feita a transcriptão completa, sentindo não me occorrer agora o nome do chefe que dirigiu o empreendimento, mas é certo que despertou grande interesse nos leitores.

Sendo portanto tão numerosas as tribus selvícolas, que ainda habitam o Brazil, é natural que não nos abalancemos a ir por ali além, e apenas chamamos a attenção do sr. comendador Norberto João Antunes Jorge para este trabalho, em que tanto se interessou o meu saudoso amigo.

Praza a Deus que o Congresso de Geographia e o Governo Geral, continuem a dispensar o seu auxilio e apoio na cathechese dos indios, onde iremos buscar braços tão cheios de força, para arrotearem o solo, e estabelecerem a polycultura, de que depende o engrandecimento da terra do *Cruzeiro do Sul*.

LEÃO HORACIO.

NECROLOGIA

Conselheiro Miguel Martins d'Antas

Em 2 do corrente faleceu em Roma, depois de lenta agonia de mais de quatro dias, o conselheiro



CONSELHEIRO MIGUEL MARTINS D'ANTAS

ro Miguel Martins d'Antas, embaixador de Portugal junto á Santa Sé, e decano dos diplomatas portuguezes, que por sessenta e oito annos serviu

o seu país nas, por vezes, espinhosas comissões da diplomacia.

Nascido em 1821, entrava aos 19 annos na carreira diplomatica, addo da legação portugueza em Turim, Haya e Vienna de Austria de 1842 a 1847. Em 1848 foi promovido a secretario, passando á côrte de Madrid, onde desempenhou tambem, interinamente, o cargo de encarregado de negocios. Na mesma categoria e tambem, por vezes, encarregado de negocios, passou a Paris, naquella anno e na capital da França se conservou até 1866, anno em que foi nomeado chefe do gabinete do ministerio dos estrangeiros, voltando nesse cargo em missão a Paris. Em 1867, promovido a ministro plenipotenciario para Washington, pouco se demorou naquella logar, por ser nomeado director geral do ministerio dos estrangeiros, tornando pouco depois para Washington onde serviu até 1869.

Transferido para Bruxellas naquella anno, ali se conserva até 1871, sendo pouco depois nomeado para a côrte do Rio de Janeiro, onde não chegou a ir, por ter sido collocado na disponibilidade.

Em 1872 é novamente nomeado ministro para Bruxellas e Haya. Em 1874 representa Portugal na conferencia de Bruxellas, e neste anno é transferido para Madrid, onde esteve até 1877, indo então para Londres, em cuja legação se conservou até 1881, anno em que foi convidado por Antonio Rodrigues Sampaio para entrar no ministerio por este organizado, como ministro dos negocios estrangeiros.

Pouco tempo, porém, se conservou no ministerio, e voltou á embaixada de Londres, que ocupou até 1890, sendo nesse anno transferido para Paris, em 1891 novamente para Bruxellas e desta embaixada voltou para Londres.

Em 1894 representou El-Rei D. Carlos nos funeraes do presidente Carnot e foi encarregado de cumprimentar o novo presidente da republica franceza, Casimir Perier, em nome do governo portuguez.

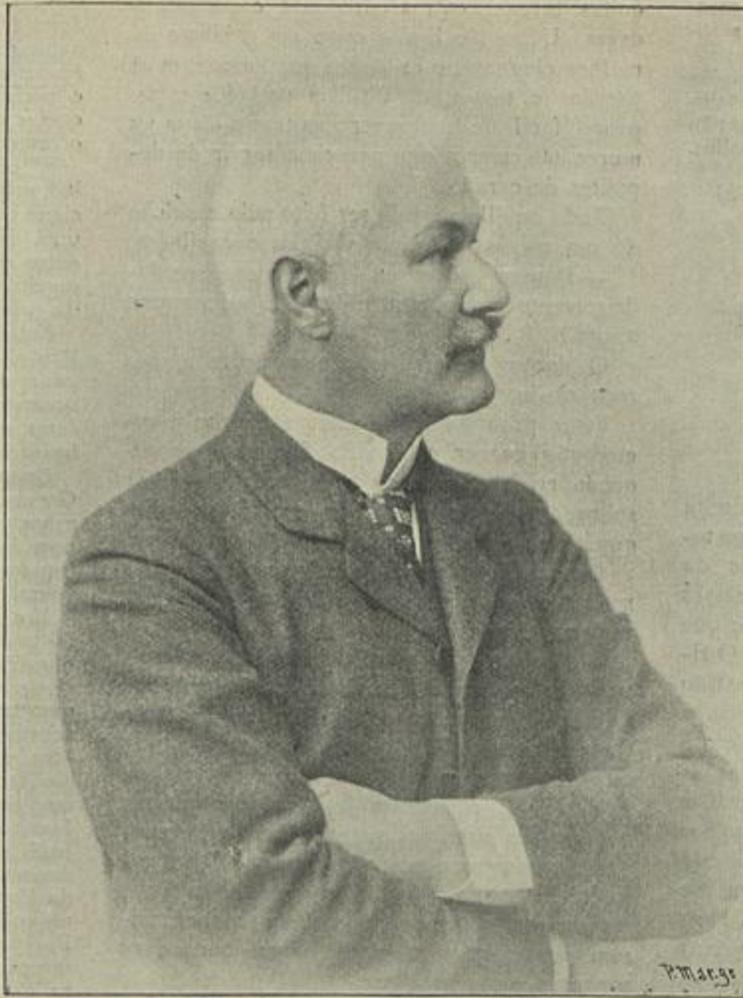
Por falecimento de Martens Ferrão, ministro de Portugal junto ao Vaticano, foi o conselheiro Miguel d'Antas nomeado para esta embaixada em 1896, onde se conservou até sua morte, sendo altamente considerado na côrte pontificia e em toda a sociedade romana.

O illustre diplomata era homem de rara distincção, perfeitamente talhado para a carreira que seguiu, não obstante ser diferente daquella a que primeiro se destinava, a de militar.

Durante a sua longa vida diplomatica, serviu bem o seu país.

Em 1891, foi eleito par do reino e era socio correspondente da Academia Real das Ciencias de Lisboa.

Em Paris publicou, em 1858, um *Dicionário portatil da lingua portuguesa e*, em 1866, *Les faux D. Sebastien, etudes sur l'histoire du Portu-*



CONDE DE TATTENBACH

gal, obra que mereceu a critica de Rebello da Silva, e de Mendes Leal, na *Gazeta de Portugal* de 17 de maio e 14 de julho de 1866. Veggezi Ruscala tambem a ella se referiu na mesma gazeta de 4 de agosto daquelle anno, e Pinheiro Chagas no livro *Novos en.aios criticos*, de pags. 56 a 67. Na coleção dos *Livros Brancos* encontram se muitos documentos diplomaticos da sua pena, respeitantes aos negocios em que interveio.

Como distincção de seus serviços, o illustre extinto possuia grande numero de condecorações portuguezas e estrangeiras, em que contava a comenda de S. Tiago e o grande officialato da Legião de Honra, etc.

Conde de Tattenbach

Foi com surpresa e ao mesmo tempo grande sentimento que, em Lisboa, se recebeu noticia de ter falecido em Madrid, no dia 10 do corredte, o sr. conde de Tattenbach, antigo diplomata e que durante dez annos exerceu o cargo de ministro da Alemanha nesta capital, onde conquistou grandes simpatias na côrte e se afeicou bastante aos portuguezes.

Sob uma apparencia um tanto rude, o conde de

Tattenbach abrigava um bello coração e espirito conciliador, tendo influido bastante para a realisacão do tratado de comercio com a Alemanha ultimamente aprovado.

O illustre diplomata, descendente de uma familia nobre da Baviera, principiou a sua vida diplomatica por 1879 como secretario de legação em Pekim, donde passou a Bruxellas e depois a Madrid.

Em 1889 foi nomeado ministro da Alemanha para Marrocos, onde se conservou sete annos, passando, em 1896, no mesmo cargo, para a Suissa e ali esteve até 1898. Neste anno veiu para Lisboa como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Alemanha na nossa côrte, sendo recebido por El-Rei D. Carlos em 21 de março.

Em seguida á visita do Imperador Guilherme II, em 1905, a Lisboa, o illustre diplomata ausentou-se para Marrocos em missão especial do seu governo, e, concluida esta, voltou aqui, continuando no mesmo cargo até 1908, em que foi transferido para Madrid.

Na côrte de Espanha tambem o sr. conde de Tattenbach adquiriu muitas simpatias, sendo sua morte muito sentida. O governo espanhol resolveu dar honras de capitão general ao illustre extinto, para os efeitos do seu funeral.

De Lisboa foram enviados telegramas de condolencia á sr.ª condessa de Tattenbach, por suas magestades El-Rei D. Manuel e Rainha D. Amelia. O sr. ministro dos estrangeiros enviou tambem telegrama no mesmo sentido, em nome do governo, assim como muitas outras pessoas da côrte e da colonia aleman.



O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro 1910

Barometro. — Max. altura 781^{mm},3 em 17.
 Min. > 757^{mm},5 em 28.
Termometro. — Max. altura 15[°],3 em 24.
 Min. > 3[°],9 em 1.
Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado
 14 dias.
 > Nublado 14 dias.
 > Encoberto 3 dias.
Chuva — 44^{mm},0 em 17 dias.

Chronica meteorologica

Mez humido, especialmente de 20 a 31, em que se registam chuvas fracas mas quasi quotidianas em periodos de vinte e quatro horas.

Temperatura em geral, proximo do normal.

Barometro muito elevado de 10 a 19, atingindo um nivel superior a 780^{mm} em 17 e 18, facto raro no nosso clima.

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

Grande novidade em photo-oleographia, ou photographia, colorida a oleo por um processo moderno

Especialidade em retratos de creanças

REPRODUCCÕES — AMPLIAÇÕES

Trabalhos fóra do atelier

Photographias de animaes, paisagens, Jardins, Interiores, etc., etc.

PREÇOS CONVIVATIVOS

Lisboa — Rua do Loreto, 43 — Lisboa

Vierling & C.^a

Abriam o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras, homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida — A. I. Horton — 56 — Rue Carvès — Grand Montrouge (Seine) France.

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis